

Dialogismo Entre Realidade e Ficção: A Influência da História na Construção de Narrativas¹

Laís Cerqueira FERNANDES²
Soraya Maria Ferreira VIEIRA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Este artigo é voltado para evidenciar o dialogismo que ocorre entre contextos históricos e fictícios. O movimento dos direitos civis, que ocorreu na década de 60 nos Estados Unidos, foi marcado pelo legado de dois ativistas negros: Martin Luther King Jr. e Malcolm X. Na mesma década, surge a série fictícia X-Men, protagonizada por seres humanos mutantes – entre eles, figuram os personagens Professor Xavier e Magneto. Posteriormente, nos anos 2000, filmes da franquia X-Men chegam aos cinemas e trazem de volta à discussão a luta contra o preconceito. Para a conclusão de que os discursos de Martin Luther King Jr. e Malcolm X permeiam os enunciados de Professor Xavier e Magneto, respectivamente, são analisadas as retomadas de elementos dos discursos da década de 60 no enredo fictício dos anos 2000, através de referências e enunciados presentes em ambas as histórias.

Palavras-chave: dialogismo; comunicação; semiótica; movimento negro; x-men.

Introdução

Esta pesquisa se dedica a analisar a intercessão que ocorre entre a história e a ficção através dos discursos que atravessam os âmbitos de ambas e que se referem um ao outro, resgatando emoções, ideias e conceitos na construção de narrativas. Investigamos como objetos de estudo duas figuras históricas, Martin Luther King Jr. e Malcolm X (ícones do movimento negro da década de 60) e dois personagens fictícios, Professor Xavier e Magneto (representantes da causa mutante no universo imaginário X-Men, representados por dois filmes da franquia). Ao situá-los em seus determinados momentos sociais, políticos e históricos, buscamos compreender, por meio do estudo da linguagem, evidências presentes entre os diálogos que os objetos estabelecem. O objetivo é constatar as intercessões entre os enunciados do passado que, ao ecoarem pela ficção, continuam a se fazer presentes ainda hoje, atuantes na memória discursiva.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Formada em Comunicação Social pela UFJF, email: laiscerqueiraf@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora doutora da Faculdade de Comunicação da UFJF, email: sofferreira@gmail.com

A teoria abordada neste artigo é sustentada pelos estudos de Mikhail Bakhtin, o “filósofo da linguagem”, pois, através de sua obra, pode-se estabelecer a tese de que a linguagem é algo criado coletivamente, que se manifesta por meio do diálogo entre enunciados, que, por sua vez, são emitidos perante o conhecimento e concepções que seu enunciador possui. Logo, o artigo busca evidenciar como todas as falas são dotadas de circunstâncias ideológicas, históricas e culturais, e a interação entre elas transcende barreiras temporais e sociais.

Realidade e Ficção

Martin Luther King Jr.⁴ e Malcolm X se estabeleceram como dois grandes ícones no cenário político e social do século XX. Negros, ambos lutaram, cada um à sua maneira, pela igualdade racial. Os líderes se influenciaram por crenças religiosas e espirituais, porém se guiaram por suas noções de justiça e liberdade para advogarem em nome dos direitos iguais para os negros. Seus pontos de vista e ideais a respeito do movimento racial coexistiram e se chocaram em alguns momentos, cada um se destacando à sua maneira e se orquestrando com expressividade no cenário social e político racista dos Estados Unidos da América, como defende o autor de uma biografia conjunta sobre os dois ativistas, Mark Black (2013): “Cada uma tinha um poderoso criticismo sobre o racismo americano e as políticas que o acompanhava, dando voz e liderança a vários negros e tornando inegável a necessidade por uma mudança social.”

A fala de Martin Luther King Jr., povoada por veementes colocações espirituais, pacíficas e voltadas para a integração, tinha influência de sua longa trajetória religiosa e acadêmica. Já o posicionamento de Malcolm X foi fortemente influenciado pela perseguição e opressão racial que ele e sua família sofreram desde sua infância. Os discursos de Martin Luther King Jr. pregavam principalmente o perdão e o amor; esses tipos de colocações, no entanto, não eram suficientes para partes da comunidade negra, que se encontravam ansiosas por expressar o quão insatisfeitas estavam com a opressão racial. Os pontos de vista defendidos por Malcolm X, mais radicais do que os de Luther King, dialogavam mais com esses núcleos, compostos majoritariamente por jovens. Ambos viveram o auge de seus ativismos durante as décadas de 50 e 60 – foi durante a última que, inclusive, os dois foram assassinados, em fevereiro de 1965 (Malcolm X) e abril de 1968 (MLK). Trechos de seus discursos mais famosos serão analisados neste artigo: “Eu tenho

⁴ Ao longo deste artigo, Martin Luther King Jr. será abreviado para MLK.

um sonho”, de Martin Luther King Jr., realizado durante a Marcha sobre Washington, em 1963; “Mensagem aos populares” e “O voto ou a bala”, de Malcolm X, realizados dentro de congregações religiosas em Detroit, em 1963, e Cleveland, em 1964, respectivamente.

Já no âmbito da ficção, chegavam os “X-Men” (termo usado para designar um grupo de super-heróis mutantes). A primeira revista de história em quadrinhos da equipe começou a ser publicada nos Estados Unidos através do selo Marvel Comics, no ano de 1963, fruto da criação dos quadrinistas Stan Lee e Jack Kirby. Os mutantes são humanos com genética modificada, fruto de um salto evolucionário da espécie. Na ficção, o responsável por essa mutação é o chamado Gene X (ou “gene mutante”, ou “fator X”), que se localizaria no vigésimo terceiro cromossomo da nossa cadeia de DNA. Através dos processos biológicos de transcrição e tradução, esse gene leva à produção de uma proteína exótica que, por sua vez, realiza sinais químicos que induzem mutações em outros genes. Os resultados são vários organismos mutantes, variando o tamanho e sua influência. As mutações provocadas biologicamente se manifestam através de poderes super-humanos.

Devido às suas alterações genéticas, os mutantes são vistos como representantes de uma nova evolução humana, o que os leva a serem classificados como membros da raça “Homo superior”. No entanto, os poderes extraordinários destes seres também são motivos para causar medo e desconfiança nos demais humanos – muitos passam a considerá-los uma ameaça à sociedade. Buscando oferecer um refúgio para jovens mutantes e reunir potenciais aliados na luta pelos direitos dos portadores do Gene X, Professor Xavier funda a Escola Xavier para Jovens Superdotados. O nome oculta o verdadeiro objetivo do local, que é guiar, acolher e até mesmo treinar mutantes para alcançar o sonho de Xavier: a harmonia inter-racial.

No entanto, eles não são o único grupo mutante a marcar presença na história. Há também a “Irmandade de Mutantes”, liderados por Magneto (ou Erik Lensherr), que possui a habilidade de controlar todos os tipos de metais. Com um discurso mais inclemente do que o pregado por Professor X, a Irmandade defende a supremacia dos mutantes, uma vez que eles são o próximo passo da evolução humana e, devido a isso, estariam fadados a dominar o planeta. Essa manifestação mais rígida ocorre principalmente devido ao forte preconceito direcionado aos mutantes pela sociedade, que, em muitos dos casos, os considera marginais e até mesmo aberrações.

Com o sucesso da saga em quadrinhos, X-Men ganhou, primeiramente, várias adaptações televisivas, que angariaram mais popularidade dos personagens entre jovens e

crianças. Não tardou para a franquia chegar ao cinema; o primeiro filme baseado nos quadrinhos, que estreou em 2001 e foi intitulado de “X-Men: O filme”, seria o primeiro de uma trilogia. Ele foi sucedido pelos longas-metragens “X-Men 2” (lançado em 2003) e “X-Men: O confronto final” (lançado em 2006). Em 2011 e 2014, os mutantes voltaram aos cinemas com “X-Men: Primeira Classe” e “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido”, que trouxeram uma nova ótica à linha do tempo cinematográfica dos mutantes. O sucesso, ainda expressivo, resultou em um lançamento ainda mais recente, feito em 2016, o “X-Men: Apocalipse”. Para melhor conduzir este trabalho e focar nos objetivos da análise proposta, os filmes que serão utilizados como objetos de estudo serão “X-Men: Primeira Classe” e “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido”.

Desdobramentos Teóricos

Para analisar os discursos históricos do movimento negro pelos direitos civis e as colocações cinematográficas de personagens fictícios extraídos das histórias em quadrinhos, torna-se necessário voltar-se para o conceito de linguagem. Sendo assim, será abordada a concepção teórica de Mikhail Bakhtin, cujo trabalho dá origem a conceitos compreendem o que se passa dentro daquilo que chamamos de texto.

O primeiro passo para compreender Bakhtin é se dar conta de que nada está convencionalizado de uma forma fixa, e sim à mercê de oscilações no aspecto cultural e histórico, localizadas dentro do grande campo que abrange as interações humanas. A linguagem é, portanto, tratada como uma espécie de fenômeno sobre o qual nossas interações e existências sociais são pautadas; ela é plural, uma vez que somos seres multilíngues. Segundo o Luis Filipe Ribeiro (2006), “para [Bakhtin] o único objeto real e material de que dispomos para entender o fenômeno da linguagem humana é o exercício da fala em sociedade”. Bakhtin argumenta que um determinado signo recebe uma nova significação a cada situação que o mesmo for utilizado em uma fala. Os elementos da língua são neutros, imparciais; os da fala enunciada, no entanto, são portadores de emoções e visões de mundo. Eles não possuem significação – eles possuem sentido e, dessa forma, habilitam que os signos que comportam recebam novas significações. Ele elucida:

A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não os conhecemos por meio dos dicionários ou manuais de gramática, mas sim graças aos enunciados concretos que ouvimos e que reproduzimos na comunicação discursiva efetiva com as pessoas que nos rodeiam (BAKHTIN, 1997, p. 125)

A existência da língua se baseia, então, na relação entre os locutores (ou enunciador) – os responsáveis por emitir uma fala, ou seja, um enunciado – e interlocutores (ou receptores) – aqueles que escutam ou leem. Como afirma a autora Samira Chalhub (1998), “diante de qualquer mensagem organizada como um sistema de signos, está o receptor defrontado com a linguagem. A linguagem é um signo em ação”. Implica-se que cada fala é estabelecida pelos contextos ideológicos, históricos, sociais e culturais. A partir disso, pode-se concluir que a linguagem existe mediante um conjunto de diálogos. Quando personagens fictícios como Magneto e Professor Xavier emitem enunciados que retomam as falas dos ativistas Malcolm X e Martin Luther King, por exemplo, estão retomando o diálogo com os discursos históricos do movimento negro e também com diversas falas que remetem ao contexto histórico e cultural da época.

O termo “fala” também pode receber outras denominações dentro do contexto teórico bakhtiniano: “texto”, “discurso” e “enunciado”, sendo este último mais recorrente nas obras de Bakhtin. Refere-se ao enunciado como algo que é um acontecimento marcante e marcado, que exige por si só uma resposta – mesmo que ela não seja expressada de uma forma visível a quem elaborou o discurso, ou seja, mesmo que não venha em forma de texto ou verbalizada. O enunciado provoca uma reflexão interior em seus receptores, uma vez que estes são afetados por ele. O diálogo se estabelece entre os enunciados em um jogo de provocação que pode ultrapassar as barreiras sociais e históricas nas quais a primeira fala foi emitida, e é através desta interação que a linguagem se manifesta.

Bakhtin assume o texto como uma produção cultural que pode ser expressa através de mecanismos textuais, mas jamais desacompanhada de mecanismos sociais. Daí sua associação a termos como o de “enunciado” e “discurso” – por se tratar de um mecanismo social que permite que signos obtenham novas significações. Fora desta relação dialógica, volta-se a tratá-lo somente como “texto”; o linguista brasileiro José Luiz Fiorin (2006) argumenta, por exemplo:

[...] o texto pode ser visto como enunciado, mas pode não o ser, pois, quando o enunciado é considerado fora da relação dialógica, ele só tem realidade como texto. [...] [o texto] é uma realidade imediata, dotada de uma materialidade, que advém do fato de ser um “conjunto de signos”. O enunciado é da ordem do sentido; o texto é do domínio da manifestação. O sentido não pode construir-se senão nas relações dialógicas. (FIORIN, 2006)

O principal alvo de estudos de linguagem de Bakhtin eram os romances. Suas teorias, no entanto, são utilizadas para a análise de campos que vão além da literatura, abarcando demais elementos verbais e/ou visuais (como discursos orais e películas

cinematográficas). Isso se explica quando observamos as criações e manifestações de sentido dos seres humanos que não se limitam somente aos textos literários, e as consideramos dentro de um conceito maior da linguagem, que não escolhe onde se manifesta, o que representa e qual informação é capaz de expressar.

Devido a isto, este trabalho também volta sua atenção para a semiótica, que se constitui como ciência da linguagem que trabalha com signos que não se limitam somente ao verbal, abrindo seu olhar para demais sistemas. A semiótica, enquanto ciência da linguagem que opera com a articulação dos signos que extrapolam o verbal, opera também com os diversos sistemas de sinais, de linguagem e suas relações. “A semiótica dialogaria com a música, o cinema, a história em quadrinhos, a moda, a arquitetura, a pintura, etc”, argumenta Chalhub (1998).

Outro conceito intrínseco à semiótica é o de ideologia – usado para designar um grupo de pensamentos e ideias. Segundo Bakhtin (1997), as nuances ideológicas correspondem-se aos signos semióticos e “tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (BAKHTIN, 1997), além de afirmar que a língua se trata de uma “realidade material específica da criação ideológica” (BAKHTIN, 1997). A ideologia se associa à linguagem uma vez que a última é utilizada para expressar a primeira. As noções ideológicas são criadas e adquiridas através das relações interindividuais humanas – logo, para que sejam geradas e manifestadas, dependem da atuação de diversos interlocutores. Suas manifestações se fazem através de elementos como os científicos, artísticos, morais, éticos, filosóficos, e assim por diante, o que confere à ideologia novos significados singulares a cada vez que se manifesta através da linguagem, o que confere mais um aspecto da correspondência entre ambas. A linguagem é, portanto, inerente ao ser humano, permeando todas as suas atitudes e servindo de instrumento para a construção de seus sentimentos, visões de mundo, pensamentos, emoções – ou seja, de todo aspecto que faz de nós seres capazes de receber e exercer influência.

Sendo assim, Bakhtin defende que a linguagem se cria a partir de outras linguagens, e que elas dialogam entre si. Os enunciadores de um discurso vão elaborando sua fala e a si mesmo na medida em que vão ao encontro a demais enunciadores e interlocutores – sendo assim, o “outro” é necessário para a construção do “eu”. Tendo isso em vista, conclui-se que a própria linguagem é compreendida através de uma lógica dialógica, também levando-se em conta seu diálogo com o âmbito cultural, histórico e social. O dialogismo opera em um ambiente no qual enunciados interagem entre si; ele é observado quando o enunciador e

interlocutor recebem, assimilam e respondem aos estímulos da linguagem aos quais são expostos.

Os enunciados não são indiferentes uns aos outros, nem auto-suficientes; são mutuamente conscientes e refletem um ao outro... Cada enunciado é pleno de ecos e reverberações de outros enunciados, com os quais se relaciona pela comunhão da esfera da comunicação verbal [...] Cada enunciado refuta, confirma, complementa e depende dos outros; pressupõe que já são conhecidos, e de alguma forma os leva em conta. [...] Qualquer desempenho verbal inevitavelmente se orienta por outros desempenhos anteriores na mesma esfera, tanto do mesmo autor como de outros autores, originando um diálogo social e funcionando como parte dele. (BAKHTIN apud STAM, 2000, p. 72-73)

Já que a linguagem é, por si só, dialógica, o dialogismo é recorrente nos estudos bakhtinianos. Ele está inserido em qualquer elaboração cultural – sendo ela verbal ou não –, e Bakhtin atesta isso ao escrever que “é só através dos olhos de uma outra cultura que uma cultura estrangeira se revela da maneira mais completa e profunda” (BAKHTIN apud STAM, 2000, p. 78). Quando há este “choque” e, conseqüentemente, este diálogo entre dois enunciados culturais, nenhum dos dois lados sai “perdendo”, já que ambos conservam “sua unidade e sua totalidade aberta, porém [...] se enriquecem mutuamente” (BAKHTIN apud STAM, 2000, p. 78).

Quando inserido dentro do processo do dialogismo, nós, os enunciadores, estamos no meio de uma interação ativa com os demais; reconhecemos partes de nós no outro e parte do outro dentro de nós; somos todos projeções uns dos outros e dos nossos contextos; nos tornamos seres repletos de multiplicidade.

Análise

Através do dialogismo, iremos, então, explorar os enunciados que dialogam entre duas figuras históricas e dois super-heróis. É importante ter em mente que o objetivo não é afirmar que Professor Xavier e Magneto são como “encarnações” fictícias de Martin Luther King Jr. e Malcolm X, respectivamente; é necessário, portanto, abrir os olhos para a compreensão de enunciados entre o passado e atualidade; intertextos que enunciados a certos momentos que já aconteceram em um determinado tempo e espaço; enunciados que permitem o diálogo entre discursos históricos e falas heroicas, registrando como enunciados, de fato, completam uns aos outros ao longo do tempo. O intuito desta análise é – além de comprovar as palavras de Bakhtin (1979) de que “não existem palavras sem voz, palavras de ninguém”, sendo nossos sentidos completados pelo olhar do outro – demonstrar

a maneira como grandes ensinamentos do nosso passado, devido à sua magnitude, ainda reverberam em produções de narrativas posteriores.

O primeiro diálogo entre as duas realidades pode ser traçado entre como o racismo estrutural afetava os negros na sociedade americana e como o racismo fictício aos mutantes os afetava na realidade distópica de “Dias de um Futuro Esquecido”. Nesta última, os mutantes são perseguidos sistematicamente e terminam presos, escravizados, usados como cobaias ou mortos. Excluídos do convívio social com o restante dos seres humanos, eles vivem à margem da sociedade. Estas situações remetem ao que os negros passavam no século passado e que, infelizmente, reverbera até os dias atuais. As proporções, é claro, são diferentes – ao mesmo tempo em que X-Men concebe um cenário apocalíptico, alguns dos aspectos da opressão operada sistematicamente contra os mutantes são um pálido reflexo do que, de fato, aconteceu com os negros. Estes, por exemplo, foram escravizados durante mais de 200 anos no país norte-americano; isto sem contar a escravidão negra em demais pontos do mundo.

No filme “X-Men: Primeira Classe”, um dos cenários utilizados para uma conversa entre Professor Xavier e Magneto são as escadas do Lincoln Memorial – mesmas escadas em que Martin Luther King Jr. realizou seu discurso mais famoso, o “Eu tenho um sonho”, durante a Marcha sobre Washington, em 1964. Na cena do filme, acompanhamos uma rápida, porém significativa, cena entre Xavier e Magneto. Este último discorda do ponto de vista de Xavier; Malcolm X também discordava em alguns pontos do posicionamento de MLK, e emitiu uma crítica ferrenha à Marcha sobre Washington. Em “Mensagem aos populares”, um discurso voltado especialmente a este momento, Malcolm declarou:

Não há muito tempo atrás, o homem negro da América foi alimentado por outra dose dos efeitos enfraquecedores, embaladores e ilusórios da então chamada “integração”. Foi aquela “Farsa sobre Washington”, como eu chamo. [...] Essa foi uma amargura nacional, militante, desorganizada e sem liderança. [...] O homem branco tinha muito boas razões para ficar nervosamente preocupado. A faísca certa - uma química emocional imprevisível - poderia despertar um levante negro [...], eles poderiam entrar em erupção em Washington. A Casa Branca rapidamente convidou os principais “líderes” dos direitos civis negros. Pediram a eles para parar a marcha planejada. Eles disseram sinceramente que [...] não tinham controle sobre ela - a ideia era nacional, espontânea, desorganizada, sem liderança. Em outras palavras, era um barril de pólvora negro. Qualquer estudante sobre como a “integração” pode enfraquecer o movimento do homem negro estava prestes a observar a uma aula mestre. (X, 1963)

Malcolm acusou os líderes do movimento dos direitos civis envolvidos na Marcha sobre Washington – entre eles, o foco das atenções daquele dia, Martin Luther King – de receberem dinheiro da Casa Branca para “conter” a marcha e permitir que brancos

marchassem junto. Segundo suas palavras, o que era para ser um protesto negro em larga escala se transformou em um “piquenique” (X, 1963), e deveria servir de alerta sobre como o governo pode enfraquecer o movimento negro com seu ideal de integração. Já na cena de “X-Men: Primeira Classe”, realizada no mesmo local onde MLK discursou e se tornou o símbolo da Marcha sobre Washington, Xavier e Magneto (Erik Lensherr) têm o seguinte diálogo:

CHARLES XAVIER: Eu não consigo parar de pensar nos outros por aí. Todas as mentes que eu toquei. Eu pude senti-los. Seus isolamentos, suas esperanças, suas ambições. Te digo, nós somos o começo de algo incrível, Erik. Nós podemos ajudá-los.

ERIK LENSHER: Podemos? Identificação, é como tudo isso começa. E termina com delimitação, experimentação, eliminação.

CHARLES XAVIER: Não desta vez. Nós temos inimigos em comum. Shaw, os russos. Eles precisam de nós.

ERIK LENSHER: Por enquanto. (X-MEN:... 2011)

Não é coincidência que há uma discordância entre os dois personagens fictícios que remete, levemente, à discórdia gerada pela Marcha sobre Washington entre Malcolm X e MLK. Assim como Malcolm, Magneto demonstra sua falta de confiança no governo estadunidense, controlado pelo “homem branco” – ou, na visão de X-Men, pelo “homo sapiens”. “Podemos? Identificação, é como tudo isso começa. E termina com delimitação, experimentação, eliminação”, argumenta Magneto, listando os estágios que um governo repressor e ditatorial, junto à uma sociedade intolerante, pode exercer sob uma minoria da população. Para ele, a ajuda do governo (representado pela CIA) aos mutantes é temporária e também é uma farsa. Já Xavier expressa um ponto de vista mais lúdico, mais sonhador – semelhante ao esperançoso discurso proferido por MLK, “Eu tenho um sonho”, na frente de diversos negros e membros de minorias presentes na Marcha. Naquele evento, MLK entrou em contato com eles. Como ditou em seu discurso:

Eu sei muito bem que alguns de vocês chegaram aqui após muitas dificuldades e tribulações. Alguns de vocês acabaram de sair de pequenas celas de prisão. Alguns de vocês vieram de áreas onde a sua procura de liberdade lhes deixou marcas provocadas pelas tempestades de perseguição e pelos ventos da brutalidade policial. Vocês são veteranos do sofrimento criativo. Continuem a trabalhar com a fé de que um sofrimento injusto é redentor. Voltem para o Mississippi, voltem para o Alabama, voltem para a Carolina do Sul, voltem para a Geórgia, voltem para Luisiana, voltem para as favelas e guetos das nossas modernas cidades, sabendo que, de alguma forma, essa situação pode e será alterada. Não nos embrenhemos no vale do desespero. Digo-lhes hoje, meus amigos, que, apesar das dificuldades e frustrações do momento, eu ainda tenho um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano. (KING JUNIOR, 1963)

Também notamos na fala de Xavier a sua esperança em relação aos novos mutantes com os quais conseguiu entrar em contato: “Eu pude senti-los. Seus isolamentos, suas esperanças, suas ambições. Te digo, nós somos o começo de algo incrível, Erik. Nós podemos ajudá-los.” (X-MEN:... 2011) Em seu discurso “Eu tenho um sonho”, MLK expressa, ao mesmo tempo, seu pesar e otimismo. O primeiro sentimento se relaciona ao preconceito que afeta constantemente a vida dos negros; o segundo, em relação ao seu “sonho”, seu ideal igualitário de um futuro no qual negros e brancos possam conviver em paz e conformidade. Retomando partes de sua fala já citada: “Eu sei muito bem que alguns de vocês chegaram aqui após muitas dificuldades e tribulações [...]. Vocês são veteranos do sofrimento criativo. Continuem a trabalhar com a fé de que um sofrimento injusto é redentor.”

Em “Dias de um Futuro Esquecido”, Xavier emite falas que remetem ao sentimento destas colocações de MLK:

Só porque alguém tropeça e perde seu caminho, não quer dizer que está perdido para sempre. Às vezes, todos nós precisamos de uma pequena ajuda [...]. Essa dor vai te fortalecer. Se você se permitir senti-la, aceitá-la, ela a fará mais poderoso do que você jamais imaginou. (X-MEN:... 2014)

Xavier também reconhece que, apesar das “dificuldades e tribulações”, as pessoas não são impassíveis de ajuda e compreensão. Tanto ele quanto MLK acreditam na ideia de um “sofrimento redentor” – “essa dor vai te fortalecer” – como uma forma de construir uma pessoa mais forte, mais humana e mais apta para lidar as suas atribulações corriqueiras. Outro ponto muito recorrente em ambos os discursos é a dedicação pela luta através da não-violência. Para ambos, é inadmissível o uso de métodos agressivos para a obtenção dos meios que eles desejam. Como demonstrado em seu discurso “Eu tenho um sonho”:

Não tentemos satisfazer a sede de liberdade bebendo da taça da amargura e do ódio. Devemos sempre conduzir nossa luta no nível elevado da dignidade e disciplina. Não devemos deixar que o nosso protesto criativo se degenera na violência física. Repetidas vezes, teremos que nos erguer às alturas majestosas para encontrar a força física com a força da alma. (KING JUNIOR, 1963)

Tanto em “Primeira Classe” quanto em “Dias de um Futuro Esquecido”, Xavier denota variadas vezes sua preocupação e dedicação em não se deixar ou deixar seus companheiros sucumbirem a ímpetos violentos. Em “Primeira Classe”, ele discute diversas vezes contra o plano de Magneto (Erik Lensherr) de assassinar Shaw: “Me escute com cuidado, meu amigo. Matar Shaw não vai lhe trazer paz”; “Erik, por favor. Seja o homem

melhor” (X-MEN:... 2011). Em uma determinada cena do filme, ele afirma “Me desculpe, não sou muito bom com violência” (X-MEN:... 2011). A passagem mais forte do filme na qual ele cita esse assunto, em uma conversa com Magneto, é a seguinte:

Não, a raiva não é o bastante [...]. Ela quase te matou durante todo esse tempo [...]. Sabe, eu acredito que o verdadeiro foco se encontra entre a raiva e a serenidade [...]. Existe tanto além do que você conhece. Não apenas dor e raiva. Há o bem, também. Eu senti. Quando você acessar tudo isso, você terá um poder que ninguém conseguirá igualar, nem mesmo eu. (X-MEN:... 2011)

A mensagem primordial que ele tenta passar ao amigo é de que, ao deixar a violência de lado e focar também no “bem”, ele chegará ao apogeu de seu potencial – e que, com medidas extremas, a paz jamais seria alcançada. Já Malcolm X defendia que os negros tinham um inimigo comum – os brancos, que controlavam as instituições de poder nos EUA – e que deviam se empenhar, custasse o que fosse, para acabar com a opressão à qual estavam submetidos. Segundo defendeu em seu discurso “O voto ou a bala”:

Para onde quer que vamos nós nos vemos pegos numa armadilha. E todo tipo de solução que alguém oferece é apenas mais uma armadilha. [...] Você está nas mãos de um governo de segregacionistas, racistas, apoiadores da supremacia branca. [...] Hoje o nosso povo pode ver que nós estamos enfrentando uma conspiração do governo. Esse governo falhou conosco. (X, 1964)

Magneto também não admitia nenhum tipo de confiança nos membros do grupo que oprime os mutantes: os não-portadores do Gene X, que também estavam encarregados dos órgãos do governo e exerciam seu poder de influência. Ele também já havia passado pelos campos de concentrações nazistas com sua família e teve a mãe assassinada, o que agravava ainda mais sua falta de fé na boa vontade dos seres humanos. A história de Malcolm se assemelha a dele também neste ponto, uma vez que sua família também foi perseguida – quando criança, Malcolm teve sua casa queimada e foi forçado a se mudar várias vezes para escapar de grupos que defendiam a supremacia branca, além de creditar a morte de seu pai como um assassinato orquestrado por membros desses mesmos grupos. Em seu discurso “Mensagem aos populares”, Malcolm critica colocações de MLK e define:

Nós temos um inimigo em comum. (...) Uma vez que tivermos percebido que temos este inimigo em comum, então nós nos unimos com base do que nós temos em comum. E o que nós mais temos em comum é este inimigo – o homem branco. Ele é um inimigo de todos nós. Eu sei que alguns de vocês pensam que eles não são nossos inimigos. O tempo irá dizer. (X, 1963)

Dito isso, também podemos observar que as opiniões de Malcolm a respeito do governo e dos membros de grupos opressores trazem algumas semelhanças com as de Magneto, que expressa falas como “Eles [os humanos] vão nos temer. E esse temor vai virar ódio”; “Identificação, é como tudo isso começa. E termina com delimitação, experimentação, eliminação”; “Chega de diplomacia” e “[Humanos são] uma raça condenada que irá nos caçar assim que perceber que seu reino está chegando ao fim” (X-MEN:... 2011). Em sua última cena junto a Xavier no filme “Primeira Classe”, Magneto, em meio a seu discurso emocionado, deixa transparecer mais um argumento contra os humanos:

Nós nos voltando contra os nossos, é isso que eles querem. Eu tentei te alertar, Charles. Eu te quero ao meu lado. Nós somos irmãos, eu e você. Todos nós juntos, protegendo um ao outro. Nós queremos a mesma coisa. (X-MEN:... 2011)

Esta colocação, de que os mutantes eram propositalmente “divididos” para que seu movimento e clamor pelo fim da opressão ficassem enfraquecidos, também se encontra inserido no discurso “O voto ou a bala”, de Malcolm X; ele classificava essa tática como “dividir e conquistar”.

Eles atacam todos nós pelo mesmo motivo; todos nós vivemos um inferno através do mesmo inimigo. Nós estamos todos no mesmo saco, no mesmo barco [...]. A estratégia do homem branco sempre foi de dividir e conquistar. Ele nos mantém divididos para nos conquistar. Ele te diz que eu sou a favor da separação e você é a favor da integração, para nos manter lutando um contra o outro. Não, eu não sou a favor de separação e você não é a favor de integração. Você e eu somos a favor da liberdade. A única coisa é que você pensa que a integração vai te trazer liberdade, eu penso que a separação vai me trazer liberdade. Nós dois temos o mesmo objetivo. Nós só temos meios diferentes de chegar nele. (X, 1964)

Empenhado em construir a ideia de uma comunidade negra forte e unida, no mesmo discurso Malcolm reafirma: “Você e eu vamos viver em uma comunidade negra [...] [Precisamos] abrir os olhos do nosso povo” (X, 1964). Em X-Men, Magneto também aposta no sentimento de confraternidade entre seus semelhantes e implica a ideia de uma comunidade mutante, colocando que: “Essa sociedade não vai nos aceitar, então vamos formar uma nossa. Chega de nos esconder” (X-MEN:... 2011).

Conclusão

Ao decorrer desta pesquisa, são evidenciados os dialogismos presentes entre a história e a ficção – no caso, como os discursos históricos de Martin Luther King Jr e

Malcolm X atravessam os discursos dos personagens Professor Xavier e Magneto, que retomam ideias enunciadas pelos ativistas negros. Anteriormente à análise, foi necessário voltar-se para os conceitos de Mikhail Bakhtin a respeito da linguagem. Aqui, ela foi admitida como algo plural e coletivo, um fenômeno responsável por pautar as interações e existências sociais humanas; é possível trazer novos significados e interpretações a cada enunciado produzido pela linguagem de cada emissor.

Para Bakhtin (1997), as falas são dotadas de emoções, opiniões e sentidos; a linguagem é definida como algo que se encontra em ação constante, considerando que cada enunciatador pauta suas expressões em seus conhecimentos e concepções que, por sua vez, são influenciados pelo contexto histórico, cultural, ideológico e social em que estão inseridos. É dentro deste diálogo que se estabelece entre os enunciados que a linguagem ocorre. Uma vez que Professor Xavier e Magneto produzem enunciados que resgatam os discursos de Martin Luther King Jr. e Malcolm X, eles retomam o diálogo com os contextos históricos, políticos, ideológicos e sociais do movimento negro.

É imprescindível para compreender o fundamento da análise o fato de que o Universo X-Men, que se iniciou no âmbito das histórias em quadrinhos, surgiu sob forte influência do contexto histórico, social, político e ideológico no qual estava inserido – mais especificamente, os Estados Unidos, berço dos criadores da história fictícia. Neste caso, o movimento negro dos direitos civis dominava o momento vivido pelos norte-americanos; figuras como Martin Luther King Jr. e Malcolm X estavam em plena expansão de ideias, discursos e aparições na mídia. Ambos ajudaram, de fato, a mudar o curso do século XX.

Concluimos, portanto, que é preciso cautela ao traçar comparações entre Professor Xavier e MLK, e Magneto e Malcolm X. O dialogismo existente e apontado ao longo deste artigo é guardado às devidas proporções de cada universo e contexto nos quais os objetos de estudo estão inseridos. Esta pesquisa não ignora as questões problemáticas das comparações e procurou enxergar o diálogo entre história e ficção como uma espécie de homenagem, uma forma de perpetuar discursos históricos, motivadores e transformadores.

Demonstrou-se, portanto, o diálogo atemporal e incessante que ocorre entre dois contextos – um real, outro fictício –, que permite que ideais e lutas históricas sejam perpetuados no imaginário cultural com ainda mais força e longevidade. A vivacidade do discurso aumenta a cada outro discurso que ele toca, trazendo e semeando novos significados. O universo fictício ecoa discursos históricos que, por sua vez, encontram mais um meio de dialogar com as gerações seguintes – o que os torna, então, atemporais.

Referências

BLACK, Mark. **Malcolm X and Martin Luther King: A very brief history**. Ebook Kindle: Amazon, 2013. 41 p.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1952-1953]. p. 261-306.

_____, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

CHALHUB, Samira. **A metalinguagem**. São Paulo: Ática, 1998.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 161-192.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/Extensao_ou_Comunicacao1.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2016.

KING JUNIOR, Martin Luther. **Eu tenho um sonho**. 1964. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/mundo/noticia/2013/08/confira-a-traducao-na-integra-do-discurso-feito-por-martin-luther-king-ha-50-anos-4248603.html>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

RIBEIRO, Luis Filipe. **O conceito de linguagem em Bakhtin**. 2006. Disponível em: <<http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm#10>>. Acesso em: 27 out. 2014.

STAM, Robert. **Bakhtin: Da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 2000. 104 p.

X-MEN: Primeira Classe. Direção de Matthew Vaughn. [s.i.]: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment, Bad Hat Harry Productions, 2011. (131 min.), son., color.

X-MEN: Dias de um Futuro Esquecido. Direção de Bryan Singer. [s.i.]: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment, Bad Hat Harry Productions, 2014. (131 min.), son., color.

X, Malcolm. **O voto ou a bala**. 1964. Disponível em: <<http://malcolm-x-br.blogspot.com.br/2009/02/o-voto-ou-bala-1964.html>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

X, Malcolm. **Message to Grassroots**. 1963. Disponível em: <<http://teachingamericanhistory.org/library/document/message-to-grassroots/>>. Acesso em: 28 nov. 2014.